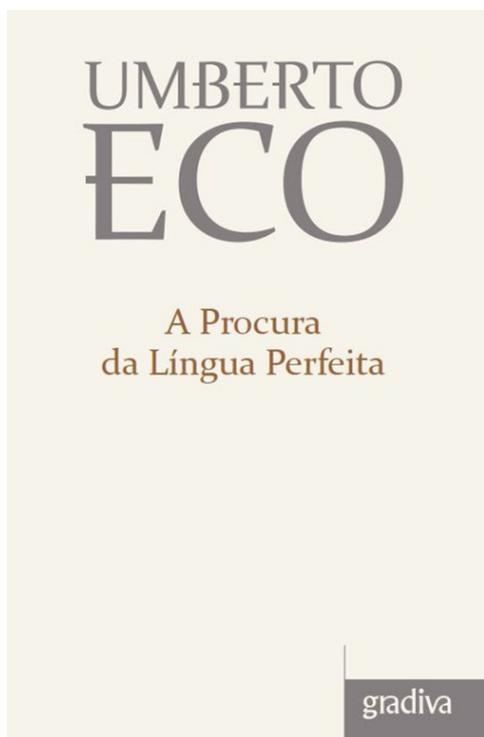


**Umberto Eco: A Procura da Língua Perfeita. Lisboa: Gradiva, 2022. 454 pp. Tradução de Miguel Serras Pereira.**

*José Barbosa Machado* (UTAD / CEL)

DOI: <https://doi.org/10.58155/revistadeletras.v1i8.335>



Esta obra de Umberto Eco, originalmente publicada em italiano em 1993 com o título *La Ricerca della Lingua Perfetta nella Cultura Europea*, teve edição portuguesa em 1996 pela Editorial Presença. Sendo o tradutor o mesmo, desconhecemos se houve alterações significativas nesta nova edição. O título da versão portuguesa é redutor, talvez por motivos comerciais, pois não contempla parte importante da informação do título original, ou seja, *nella Cultura Europea*, podendo levar a equívocos. De facto, Umberto Eco apenas trata alguns dos autores europeus que refletiram ao longo do tempo sobre a temática da língua perfeita.

O autor propõe-se nesta obra fazer um apanhado, não exaustivo, dos autores que se debruçaram, por um lado, sobre a existência de uma língua-mãe que tivesse sido falada antes da *confusio linguarum* causada por Babel, e, por outro, daqueles que tentaram delinear as bases para uma língua capaz de substituir as línguas naturais existentes, imperfeitas e dependentes de contingências históricas e sociais, por uma língua universal, fácil de aprender, de usar e sem as ambiguidades das outras. A conclusão para Eco é óbvia e apresenta-a mesmo antes de iniciar a descrição dos autores refletiram sobre o tema: «A história das línguas perfeitas é a história de uma utopia, e de uma série de insucessos» (2022: 36).

Tendo a religião cristã, até ao Século das Luzes, interpenetrado todo o pensamento ocidental, não é de estranhar que a reflexão à volta das duas

temáticas (a língua-mãe e a língua perfeita e universal) assente nos textos bíblicos, e em particular nalgumas passagens do livro dos Génesis. A ideia que perpassou desde a Idade Média até ao Iluminismo é que o hebraico é a língua-mãe de todas as outras línguas que apareceram depois da confusão e Babel.

Na obra, dividida em dezassete capítulos, Eco apresenta cronologicamente os principais autores que escreveram sobre a temática. No capítulo 1, intitulado “De Adão à *confusio linguarum*”, comenta as passagens bíblicas do Génesis em que se fala da linguagem humana e das controversas interpretações que ao longo do tempo foram surgindo. Por um lado, em Génesis 10 é dito que, depois do Dilúvio, os filhos de Noé se espalharam pelo mundo e cada um «teve a sua linguagem». Por outro, em Génesis 11, onde se relata o episódio de Babel, afirma-se que Deus, para castigar a soberba dos homens, decide «confundir de tal modo a linguagem deles que não consigam compreender-se uns aos outros». As duas passagens são contraditórias e levaram ao longo da História, como Eco refere, «a resultados mais ou menos explosivos segundo os períodos e as posições teológico-filosóficas em causa» (2022: 26). Ainda neste primeiro capítulo, é feito um apanhado das principais ideias gregas acerca da linguagem, de que se destaca o *Crátilo* de Platão, sublinhando-se a ideia de que a língua grega era considerada mais perfeita do que as outras, bárbaras e impróprias para a reflexão filosófica.

Do capítulo 2 ao capítulo 9, Eco apresenta uma série de autores, de obras e de correntes de pensamento de que se destacam os cabalistas e a pansemiótica, Dante e a gramática universal na sua *De vulgari eloquentia*, a *Ars Magna* do catalão Raimundo Lúlio (c. 1232-1314) e a ideias do jesuíta Athanasius Kircher (1601-1680). A principal opinião até meados do século XVII era a de que o hebraico foi a língua-mãe de todas as línguas da Terra. Em 1678, Richard Simon, na sua *Histoire Critique du Vieux Testament*, defende que «a língua é invenção humana, e, uma vez que a razão não é a mesma entre todos os povos, isso explica a diferença das línguas» (2022: 111). Esta nova posição vai ser determinante nos pensadores da geração seguinte, tendo a descoberta do indo-europeu sido o golpe de misericórdia no monogenismo com base no hebraico.

Do capítulo 10 ao capítulo 14, Eco fala dos autores que teorizaram acerca das línguas filosóficas, como Francis Bacon, Comênio, Descartes, John Webster, George Dalgarno, John Wilkins, Francis Lodwick, Leibniz, entre outros. De todas as reflexões, experiências e conceções filosóficas que daí resultaram para se conseguir uma língua perfeita, sobressai a seguinte

conclusão: se o pensamento e a linguagem se influenciam mutuamente e se desenrolam a par, não se poderá «adoptar a hipótese racionalista de uma gramática de pensamento, universal e estável, que as diferentes línguas de algum modo reflitam. Nenhum sistema das ideias, postulado na base de uma razão abstracta, pode tomar-se o parâmetro e o critério da construção de uma língua perfeita» (2022: 343). Isto porque «a língua não reflete um universo conceptual platonicamente pré-constituído, mas contribui para a sua formação» (2020: 343).

Do capítulo 15 até ao final da obra, o autor apresenta as principais ideias e projetos que foram surgindo desde o Iluminismo até ao presente. Refere a continuação da discussão acerca das línguas filosóficas e a irrelevância a que o tema acabaria por chegar, as linguagens espaciais e as línguas internacionais auxiliares (LIA), como o Esperanto, refletindo sobre as suas possibilidades e os seus limites. Eco elenca uma série de objeções ao êxito de uma língua universal, de que se destaca a do filósofo iluminista Destutt de Tracy (1754-1836). Diz este nos seus *Éléments d'idéologie* (1817-1818) que, «ainda quando todos os homens da terra se pusessem de acordo para falarem a mesma língua, em breve, pela própria influência do uso, ela se alteraria e modificaria de mil diferentes maneiras nos diferentes países, e daria origem a outros tantos idiomas distintos, que se afastariam gradualmente uns dos outros» (*apud* 2022: 392). Umberto Eco dá o exemplo do português de Portugal e o do Brasil, que «diferem de tal modo entre si que, de um mesmo livro estrangeiro, se fazem habitualmente duas traduções diferentes, uma para cada país» (2022: 392).

Esta obra, fosse o autor ainda vivo e tivesse vontade de a completar, mereceria mais um ou dois capítulos com a apresentação das principais teorias e experiências dos últimos 30 anos, onde poderiam constar as mais recentes descobertas da Paleontologia Humana e da Genética e o desenvolvimento da inteligência artificial. Talvez uma língua universal, com a ajuda da ciência e da tecnologia, não seja assim tão utópica como pareceu a Humberto Eco em 1993.